

O SAPATEIRO REMENDÃO

A velha loja
do sapateiro remendão
tinha o cheiro de um pirilampo
aprazível sobre o papel de carvão vegetal
na vasta e nobre noite.

Tinha fechado as suas portas
com pele de couro de vaca
e solas revestidas de duendes
com nylon assimétrico.

Os seus clientes,
pobres e de pescoços desnutridos,
encurtaram a vida dos seus sapatos,
de tanto pisar os caminhos
e afundar no chão
as pisadas de pedra.

Cada passo e caminhada
cicatrizavam uma história
na forma revestida
das suas solas já sem vida.

O sapateiro remendão,
calidoscópico artesão,
remendava os sonhos de cada um de seus
clientes.

Agradava-lhes em todas suas apetências
e formas decoradas...

Algumas não eram mais que cansadas
histórias
retornadas na pedra do mito de Sísifo,
ascendente e descendente
na colina desobstruída.

Outras histórias
eram tristes e alegres,
de triunfos e de fracassos;
de sóis e luas,
de combates e dias desgastados.

Conheci o seu antigo ofício quando os
meus
morreram numa tarde de chuva
E levei-os à sua loja para serem reparados.

Conheci os seus dedos ágeis e as suas
tachas,
a sua cola de estrela grumosa
e o seu cartaz de Chaplin
na parede lúgubre da sua loja.

Agora estou a andar
pela cidade de volta,
e tenho a sensação de que sinto falta dos
meus sapatos.

Gostaria de regressar
desta quimera percorrida
e encontrar aquelas minhas solas
que um dia beijaram a vida.

Mas já é tarde,
o velho dá-nos experiência
as mudanças de um vento novo,
e a vida passa e passa
numa prateleira fora de tempo...

Só me resta respirar
as histórias passadas
que abraçaram as solas
dos meus sapatos desertos,
e colocar outra pele
sobre o olhar
dos meus sapatos antigos,
ligeiramente, novos.

Ramón Uzcátegui Méndez, sc
(FOTO: [Emmanuel Acua](#))

